

## Uma inscrição gótica da Madre de Deus\*

---

1. Uma visita ao conjunto arquitectónico da Madre de Deus é sempre útil e instrutiva para quem se interesse pela Arte, nas suas mais variadas manifestações: arquitectura, escultura, pintura, ourivesaria, azulejaria, e até epigrafia!

2. É na parte do convento, ocupada pelo Museu Nacional do Azulejo, que se encontra a inscrição, objecto do nosso estudo de hoje.

Chamou-nos a atenção para ela o Dr. Pereira Bastos, antigo director-geral do extinto Ministério do Ultramar, investigador do Manuelino no distrito de Lisboa, que a desenhou habilmente, mas encontrou dificuldades na sua interpretação. Eis o trabalho artístico do Dr. Pereira Bastos:



Pereira Bastos

---

\* Colaboração de Maria Isabel Pestana de Mello Moser.

3. Impressiona desde logo a beleza dos caracteres góticos minúsculos, e não se estranha que assim seja, pois o texto está gravado numa obra régia, nada mais nada menos que uma pia baptismal, de uso, segundo a tradição, da rainha D. Leonor. Não custa a crer que assim fosse, em face dos motivos que no pequeno monumento vemos insculpidos.

Trata-se, com efeito, de uma pequena obra-prima de escultura.

Não obstante o primor do desenho do Dr. Pereira Bastos, quem tem alguma experiência de epigrafia portuguesa (ainda que redigida em latim!) concluirá que houve inexactidões na cópia. Isto não é para admirar em quem não tem experiência epigráfica, tanto mais que os caracteres e os elementos de separação e decorativos foram, há muitos anos, indevidamente pintados a tinta preta, talvez para facilitar uma fotografia. Isto deu origem a que até os epigrafistas se tivessem enganado na leitura, como foi o caso de Cordeiro de Sousa e Garcez Teixeira.

4. Dirigimo-nos ao Museu Nacional do Azulejo, onde fomos amavelmente atendidos, tendo podido esclarecer todas as dúvidas de leitura e de interpretação.

5. São várias as referências a este monumento, iniciadas logo nos finais do séc. XIX (1899) por Liberato Telles, no trabalho *Mosteiro e Igreja da Madre de Deus*, em que nos apresenta um belo desenho do monumento, mas apenas nas faces que têm gravadas as armas reais, o camaroeiro e o pelicano, sotopondo-lhe a legenda:

*Pia d'água benta / foi do serviço particular da / Rainha D. Leonor.*

Não faz, porém, qualquer referência à inscrição.

Mais tarde, em 1921, o Conde de Sabugosa, na sua tão interessante monografia, *A Rainha D. Leonor. 1458-1525*, descreve assim o monumento, do qual apresenta fotografias, já então pintadas as letras, fazendo uma alusão indirecta ao texto:

«A PIA DE ÁGUA BENTA DA MADRE DE DEUS

Ao terminar a resenha iconográfica da Rainha, seja-me lícito apresentar um outro retrato, não das feições corporais, mas da sua fisionomia moral.

Assim como entre as folhas das *Horas da Rainha Donna Leonor* ficaram partículas do seu espírito, porque as suas mãos seguraram aquele livro, porque o folhearam devotamente, porque diariamente voltaram aquelas páginas, uma a uma, e sobre aquele texto os seus olhos seguiram as horas canónicas, desde a *Prima* até à *Noa*, desde *Laudes* às *Completas*; assim também a *Pia de água benta* da Igreja da Madre de Deus conserva vestígios imateriais mas evocativos da sua personalidade.

Pequena de dimensões, essa *preciosa fonte* de graça, pouco maior do que os regalos de zibelina em que as elegantes dos nossos dias aquecem as mãos friorentas, dava às da Soberana, pelas virtudes místicas do líquido bendito, o calor espiritual que consola e é conforto das almas que uma crença anima.

Cada manhã, ao tanger das *Matinas*; cada tarde, quando soavam as *Ave-Marias*; cada noite, quando o sino chamava às *Vésperas*, ao entrar na igreja, os seus dedos esguios, emaciados, de uma diafaneidade patricia que os espiritualizava, mergulhavam ao de leve na água lustral, que em Sábado de Aleluia fora benzida com as solenidades litúrgicas.

Em cada uma das faces do pequeno bloco de mármore mandou a Rainha esculpir pelo canteiro um emblema do seu sentir.

O *Pelicano* — o *Camaroeiro* — o *Brasão de armas* — e aquele *Versículo* alusivo à força vital da linfa sagrada simbolizam os quatro pontos cardeais da alma de D. Leonor: o Amor à Grei — a Saudade do Filho — o Orgulho da sua Raça — e a Fé em Deus!»

Também o Prof. Aarão de Lacerda, no seu estudo sobre a Madre de Deus, incluído em *Portugal — a arte: os monumentos: a paisagem: os costumes: as curiosidades*, publicação da Portucalense Editora, de Barcelos, se refere nestes termos ao monumento:

«Entremos por fim na sacristia, construída entre 1746-1750, e os nossos olhos que ainda há instantes penetraram na claridade sobrenatural dos quadrozinhos da nave, restos do políptico primitivo, ficam deslumbrados: é um pequeno recinto, mais requintado do que místico: nas paredes, azulejos vistosamente decorativos, e uma série de telas de André Gonçalves historiando a vida de José no Egipto, autor também da *Apoteose da Virgem* que se vê no tecto; ao centro, sobre uma mesa de mármore, a pia de água benta que pertenceu à Fundadora: um cubozinho de pedra lavrada no estilo ogival, com o pelicano, o camaroeiro, as armas reais e uma inscrição gótica; (...)»

Norberto de Araújo, em *Peregrinações*, p. 52, dedica-lhe um pequeno parágrafo:

«Já agora contemplemos, sôbre essa formosa mesa central, a pia de água benta, que pertenceu à Rainha D. Leonor, de mármore alvíssimo, lavrado em estilo ogival, no qual se esculpíram o pelicano e o camaroeiro, insígnias da fundadora da Madre de Deus.»

Por último, no catálogo, *A Rainha D. Leonor — Gulbenkian no Mosteiro da Madre de Deus*, sob o n.º 301, descreve-se assim o monumento:

«PIA DE ÁGUA BENTA DO USO DA RAINHA

Pedra esculpida. Ostenta o brasão das armas reais e os emblemas do Pelicano e do Camaroeiro.

Dimensões: A. 290 × D. 400 mm.

Lisboa — Mosteiro da Madre de Deus.

Bibliografia: Conde de Sabugosa, «A Rainha D. Leonor», Lisboa. 1921.»

6. Vê-se, pois, que a inscrição gótica não mereceu as honras de transcrição do seu texto por parte dos estudiosos antes referidos. O primeiro que o faz é, salvo erro, J. M. Cordeiro de Sousa, nas suas monumentais *Inscrições Portuguesas de Lisboa (séculos XII a XIX)*, publicação da Academia Portuguesa da História. A p. 99, sob o n.º 244, apresenta a seguinte lição, que diz ser sua e de Garcez Teixeira:

PRECIOS:

IOR: EST:C

UNCTIS: OPIBUS SCI.

Não é exacta, e enferma de defeitos que também apresenta, como dissemos, o desenho de Pereira Bastos. A razão é a mesma: defeituosa pintura das letras.

A leitura que fizemos directamente do monumento, há cerca de um ano, é esta, passando a caracteres latinos:

precios: / ior: est: c / unctis: op / ibus mi

que desenvolveremos:

preciosior est cunctis opibus mundi

ou, em português:

«É mais preciosa do que todas as riquezas do mundo.»

7. Eis, na sua simplicidade, lido e traduzido um texto que deve ter levantado dificuldades a muita gente. Texto dos finais do séc. XV ou começos do XVI, que até ofereceu resistência a epigrafistas reputados.

Os nossos votos finais são no sentido de que tão belo monumento seja expurgado, tão rapidamente quanto possível, da malévola tinta que o conspurca e o afeia. Apesar de assim se encontrar há muitos anos — recorde-se que estava na sacristia da Igreja da Madre de Deus, mas se encontra hoje no Museu Nacional do Azulejo que lhe fica anexo —, parece que as pessoas se conformam com tal estado, o que é francamente lamentável!

Lisboa, 24 de Julho de 1990.